

LESLIE WOLFE

RAPARIGAS
NO
INFERNO

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
sop
livros

Um agradecimento especial a Mark Freyberg, meu génio do Direito e amigo na cidade de Nova Iorque, que me guiou habilmente através das complexidades do sistema judicial.

1

O VISITANTE

O som de batidas rápidas contra a janela escura sobressaltou Cheryl.

A faca guinou para o lado na sua mão trémula, apunhalando-lhe a carne do dedo, precisamente onde segurava a cenoura contra a tábua de cozinha.

Gemeu baixinho e levou o dedo latejante à boca, aliviando a dor, enquanto olhava para a noite escura como o breu do lado de fora da janela.

Estaria Julie finalmente a chegar a casa? O que a tinha possuído para deixar a sua filha de dezasseis anos sair quando já deviam ter partido há muito? Tinha-lhe dito que tinha de voltar para casa cedo, mas nada afetava aquela rapariga, apesar do que tinha acontecido. Onde poderia estar Julie numa noite tempestuosa daquelas? Provavelmente com aquele seu novo namorado, aos amassos, algures na carrinha dele, totalmente esquecida de tudo o que tinham discutido. E, ainda assim, não se conseguia zangar demasiado com a filha; a pobre rapariga tinha vivido um inferno nos últimos dois dias. Só esperava que não partilhasse demasiado com aquele rapaz.

Outra batida contra a janela ergueu-lhe a esperança no peito só para a derrubar passado um momento. Era só a chuva a cair, mais forte, mais pesada, com grandes gotas a esmagarem-se contra as vidraças sob a força das rajadas de vento do temporal.

Seria insensato partir agora. A viagem até São Francisco era longa, umas boas quatro horas na estrada. Não se via a conseguir fazê-la com três crianças no carro quando não era capaz de ver nem vinte metros à sua frente. E se algo corresse mal? E se o carro avariasse? Não... teria de viver mais uma noite de terror e de partir no dia seguinte, de manhã cedo.

Obrigou-se a respirar, contendo o dilúvio de lágrimas alimentadas, a preocupação que ameaçava explodir. Heather, a sua filha de oito anos, desviou os olhos do telemóvel, por uma fração de segundo, e lançou-lhe um daqueles olhares penetrantes que Cheryl se tinha habituado a esperar da sua filha sempre que estava perturbada. Era como se a criança tivesse uma capacidade inquietante de ler os pensamentos da mãe.

Cheryl tirou-lhe o dedo da boca e forçou um sorriso.

– Tens fome, querida?

– Ahã. – Heather franziu o cenho e regressou ao que estava a fazer no telemóvel, provavelmente jogar um jogo. Estava sentada no sofá branco com as pernas dobradas debaixo do corpo, vestida com umas calças de pijama largas e com a camisola que tinha levado para a escola nesse dia, a sua mais recente favorita, que usaria até para ir para a cama, se pudesse. As suas meias do Rato Mickey estavam espalhadas pelo chão, tiradas minutos depois de Cheryl a ter obrigado a calçá-las.

– Mamã? – chamou a sua filha mais nova, atrás de uma colherada de *Cheerios* a pingar leite sobre a mesa. A menina de quatro anos tinha aprendido a usar uma colher, mas ainda a brandia como uma arma; o seu pequeno punho a apertá-la como se fosse a espada do rei Artur, fazendo voar comida pelo ar. As suas tranças balançavam a cada movimento que fazia, presas por elásticos verdes que se começavam a soltar.

– Sim, Erin, o que foi? – perguntou Cheryl, incapaz de desviar os olhos do negrume que revestia a janela da cozinha. As gotas de água da chuva estavam a fazê-lo parecer mais ameaçador do que em qualquer outra noite. Ao longe, um ribombante trovão lançou uma vibração ominosa pelo ar, causando-lhe um arrepio na espinha.

– A Heather está outra vez a comer o cabelo – informou Erin com orgulho, a sua voz aguda a ferver de riso enquanto a irmã mais velha lhe lançava um olhar impiedoso.

– Sua fuinha – sussurrou Heather baixinho, depois de se apressar a tirar uma longa madeixa de cabelo escuro da boca. Gostava de enrolar o cabelo em cordões e de o mastigar, abstraidamente, enquanto matraqueava com os dedos no ecrã do seu telemóvel, no *tablet* de Julie ou de qualquer aparelho a que conseguisse deitar as mãos. – Queixinhas.

– Não chames nomes à tua irmã, Heather – interveio Cheryl.

A escuridão do exterior desapareceu subitamente sob um robusto par de faróis enquanto uma carrinha parava. Pela janela, coberta por uma teia de gotas de água que criava estilhaços de luz arco-íris, Cheryl viu Julie esboçar um sorriso choroso ao jovem condutor, apressando-se, de seguida, a sair da carrinha e a dirigir-se à porta, onde chapinhou descuidadamente pelas poças que enchiam o caminho de acesso. A carrinha arrancou e a escuridão reapoderou-se da terra.

O peito de Cheryl dilatou-se de alívio. Ainda zangada com a imprudência da filha mais velha, regressou à pilha de vegetais que a esperava na tábua de cozinha. Enquanto Julie destrancava a porta e entrava, cortou o resto das cenouras em pedaços irregulares e deitou-os na panela, reduzindo instantaneamente a fervura do estufado a um ligeiro fervilhar.

– Olá, mãe – cumprimentou a rapariga, da entrada, com um ligeiro sorriso culpado, pronta para fugir em direção ao seu quarto. – Cheira bem aqui dentro. – Tinha o cabelo castanho molhado colado ao rosto, escorrendo-lhe para as faces e para o peito. A roupa estava encharcada, pequenas poças de água a começarem a formar-se aos seus pés.

– Mais devagar – travou-a Cheryl. – Vais diretamente para o duche, estás a ouvir? Vais apanhar uma constipação. Está um gelo lá fora. – Estremeceu ao lembrar-se de como tinha sido, apenas dois dias antes, passar horas no meio daquele tempo. Limpou nervosamente as mãos ao avental.

O sorriso da jovem murchou.

– Não é preciso. A carrinha do Brent estava quente que chegasse.

Cheryl engoliu um longo suspiro. Juventude. Tudo alimentando, desde as grandes esperanças à capacidade do corpo de resistir ao tempo frio e húmido de outubro nas encostas de Mount Chester.

– E que idade tem esse Brent, afinal? Devia andar a conduzir à noite com este tempo?

As sobrancelhas de Julie uniram-se sobre a base do seu nariz.

– Tem quase dezoito anos, mãe. Já te disse isso. – Mudou o peso de uma perna para a outra e afastou uma madeixa pegajosa de cabelo do rosto com os longos dedos pálidos, enfiando-a atrás da orelha. – Posso ir agora?

Enquanto a escuridão do exterior parecia voltar a esbater-se, o olhar de Cheryl desviou-se para a janela. Talvez fosse um carro de passagem ou assim.

– O jantar estará pronto daqui a meia hora – respondeu, o medo a percorrer-lhe o sangue, a tensão a cerrar-lhe os dentes. – Sabes que devíamos ter partido hoje. Falámos sobre isso. Não posso acreditar que me fizeste isto, Julie.

A filha ergueu as mãos e, com um forte respingo, deixou-as cair contra as calças de ganga que lhe cobriam as coxas.

– Sei como te sentes em relação a tudo isto, mas eu não tenho medo. Chama-me louca, mas não tenho. Quero ficar. Por favor... não podes estar a falar a sério em relação a isto. Não temos nenhum sítio para onde ir.

O timbre cada vez mais alto da voz de Julie refletia os medos mais profundos de Cheryl. Para onde iriam? Como viveriam? A vida em fuga não era fácil para uma viúva com três filhas, mas não havia alternativa, não depois do que tinha acontecido na noite de sábado.

– Falo muito a sério, Jules – respondeu com severidade, apoiando firmemente as mãos nas ancas. – Partimos amanhã bem cedo. Devíamos ter ido hoje, mas tu e o teu namorado decidiram outra coisa, não foi?

Julie lançou um olhar culpado, de esguelha, à pilha de malas que enchia o saguão.

– Desculpa, mãe. É só que não consigo acreditar que isto é real. Este tipo de coisa não acontece às pessoas hoje em dia. Teríamos ouvido falar disso nas redes sociais.

– As redes sociais não têm nada que ver com isto. Agora, vai lavar-te, seca o cabelo e volta a descer para jantar. – A tensão na sua voz devia ter chamado a atenção de Heather, pois a sua filha de oito anos

tinha abandonado o telemóvel e fitava-a, de boca ligeiramente aberta, aparentemente assustada. *Raios.*

O som da campainha sobressaltou Cheryl. Deixou escapar um ténue queixume dos lábios antes de cobrir a boca aberta com uma mão trémula. Olhou pela janela e pareceu-lhe ver uma carrinha no caminho de acesso com os faróis desligados. A tinta branca do veículo refletia a luz que evadia pela janela da cozinha, o seu aspeto espectral à chuva que caía.

Julie correu para junto da mãe e agarrou-lhe o braço com as duas mãos.

– Não abras, mãe – sussurrou. Toda a sua alardeada coragem tinha desaparecido sem deixar rasto.

Por um momento, Cheryl pensou na ideia. Quem estava à porta já as tinha observado pela janela, tinha visto as luzes acesas e ouvido as suas vozes através da porta fechada. Lançou um olhar apressado ao relógio na parede por cima da lareira. Nove e vinte e sete. O visitante inesperado era certamente um sarilho, mas um sarilho com que tinha de lidar.

– Quem é, mãe? – perguntou Heather, desviando os olhos do ecrã do telemóvel por um breve momento.

Cheryl tomou uma decisão: iria enfrentar quem quer que fosse tal como tinha feito antes, com coragem e com a determinação de fazer o que fosse preciso para proteger a sua família, e ficaria bem; ficariam todas bem e, quando chegasse a manhã seguinte, partiriam daquele sítio horrível.

Afastando Julie, aproximou-se da porta.

– Leva as tuas irmãs lá para cima, Jules.

– Mas, mãe...

– Só um segundo – disse Cheryl, em voz alta, para benefício do visitante tardio. – Já – sussurrou, em resposta à desobediência de Julie, cravando os olhos nos da filha.

Esperou um momento até a primogénita tomar Erin nos braços e pegar na mão de Heather, levando-as para fora dali. Ao vê-las chegar ao andar de cima, destrancou a porta.

Forçou ar a entrar-lhe nos pulmões e entreabriu a porta, sem tirar a corrente. À ténue luz amarelada da lâmpada do alpendre, reconheceu

o rosto do visitante. Não era quem pensava que seria, mas era um sarilho, mesmo assim. Felizmente, estava sozinho.

– Oh, és tu – disse, fechando a porta apenas o suficiente para tirar a corrente.

Convidando o homem a entrar, evitou o seu olhar perscrutador. Vê-lo tinha deixado os seus sentidos num frenesim, o seu medo em carne viva, ameaçando emergir em palavras indesejadas. Enquanto o acompanhava ao interior e lhe indicava que se sentasse à mesa da sala de jantar, mal conseguia manter as mãos firmes. O palpitar no seu peito era tão forte que lhe sacudia o corpo inteiro.

Do cimo das escadas, Julie assistia à cena com os olhos arregalados de terror. Estava encostada ao corrimão, obviamente a tentar captar cada palavra proferida entre os dois adultos.

– Copo de vinho? – ofereceu Cheryl. O homem assentiu com um ligeiro sorriso nos lábios.

– Pode ser – respondeu, seguindo depois cada movimento que ela fazia ao dispor os copos, abrir uma garrafa e verter o líquido vermelho-sangue. O seu olhar penetrante observava-a com curiosidade, como se fosse uma espécie exótica que estava ansioso por dissecar.

Cheryl sentou-se à mesa e bebeu um gole de vinho, quase se engasgando com ele, o nó na sua garganta relutante em ceder ao líquido frio e saboroso. Voltou a pousar o copo na mesa, depondo depois as mãos trémulas no colo, à espera. O que quer que o homem estivesse ali para fazer ou discutir aconteceria em breve. E então tudo estaria acabado.

Um forte silvo fê-la saltar. O estufado tinha começado a transbordar, o molho a chiar ao tocar na superfície incandescente, lançando volutas de fumo para o ar. Mexeu a panela e desligou o bico, ignorando o salpico que caíra no chão junto ao fogão. Voltou então a sentar-se, brincando nervosamente com a bainha do seu avental aos quadrados verdes e brancos.

O homem que a fitava tinha uns frios olhos cinzentos, diretos e irredutíveis, e não parecia incomodado com a água que lhe pingava do cabelo curto para o pescoço. Olhava-a como se soubesse tudo. Como se, de alguma forma, tivesse descoberto o que ela tinha feito.

Mas era impossível.

– Sabes porque estou aqui – acabou ele por dizer, num tom firme, factual. – É tempo.

As suas palavras gelaram-lhe o sangue.

– Não – sussurrou Cheryl, abanando a cabeça e afastando-se da mesa. A sua cadeira chiou contra os azulejos, em protesto. – Não... deixa-nos em paz, por favor – implorou, a voz num queixume trémulo. De pé, cambaleou para trás até chegar à parede. – Não tens de fazer isto.

Um sorriso rápido contraiu os cantos dos lábios do homem.

– Tem de acontecer – insistiu, fitando-a daquela forma intensa e impiedosa. – Sempre soubeste isso.

– Íamos partir – continuou Cheryl, apontando para as malas no saguão. – Ia desaparecer. Se tivesses vindo amanhã, não nos terias encontrado.

A contração tinha desabrochado num sorriso aberto, o mais frio que ela alguma vez vira.

– Mas estás aqui – argumentou o indivíduo. – Não se pode fugir ao destino. Sabes isso, não sabes? – Levantou-se e deu alguns passos lentos na sua direção. Cheryl precisou de todo o seu autocontrolo para não gritar de terror. – Sabes que ela tem de cumprir o dela. – Enfiou as mãos nos bolsos. – Esta noite.

– Não – gritou, correndo para a porta da frente. Se conseguisse fugir de casa, talvez pudesse chegar ao vizinho do lado. Talvez ele a pudesse ajudar.

Do cimo das escadas, ouviu Julie gritar.

– Heather, liga para o cento e doze, como a mãe te ensinou. Já! E não desças. – Apressou-se então a descer, os pés a bater pesadamente à medida que pousavam nos degraus.

Aquela rapariga nunca lhe dava ouvidos. Nem quando a sua vida dependia disso.

Cheryl não se conseguiu obrigar a fugir para pedir ajuda e a deixar a filha sozinha com aquele homem. Por um breve momento, paralisou, voltando depois para trás para se interpor entre ele e Julie, escudando a jovem com o corpo.

– Não a vais levar, ouviste? Não o permitirei – declarou, a adrenalina a alimentar-lhe a coragem que, de algum modo, lhe enchia a voz. – Deixa-nos ir.

O homem deu mais dois passos na sua direção.

– Não vai acontecer. Ela vem comigo. Esta noite. Como está destinado.

Um soluço sufocado estendeu-lhe o peito. Outra vez não. Aquela loucura não ia acontecer outra vez. Pensava que a tinha resolvido. Pensava que estavam seguras.

– Eu queria partir. Por favor, deixa-nos partir. Ninguém tem de saber. – Juntou as mãos num gesto de súplica enquanto as lágrimas lhe brotavam dos olhos. – Por favor, imploro-te, deixa-nos ir.

O indivíduo não cedeu. Não havia a menor centelha de compreensão nos olhos frios do homem.

– Não posso – respondeu, com um aparente encolher de ombros indiferente. – Sabes que não posso. Tem de acontecer e tu sabes. – Um sorriso de esguelha distendeu-lhe os lábios por um breve momento. – É por isso que ainda aqui estás; foi por isso que não partiste. É ela... o poder dela puxa-te para trás, retém-te aqui. Tem de ser feito.

Cheryl olhou em volta em busca de algo que pudesse usar, uma arma, qualquer coisa. Ao seu lado, na bancada, o bloco de facas estava ao seu alcance. Arremeteu, tentando agarrar uma, mas não foi suficientemente rápida.

Ele chegou primeiro.

Sentiu a lâmina a rasgar o seu abdómen como um punho de ferro. Arquejou e tentou gritar, mas nenhum som lhe saiu dos lábios. Ao tombar, ouviu a faca cair, tinindo contra o chão da cozinha mesmo junto a si.

Enquanto o seu mundo começava a escurecer, viu o homem a saltar e a agarrar Julie. A sua menina gritou e chamou-a, esperneando e debatendo-se com todas as suas forças. Então, ouviu-se o som de um golpe e a filha caiu, calada e inerte, no aperto forte do sujeito.

Fez-se então silêncio, a escuridão a descer sobre a mente de Cheryl, densa, impenetrável, apesar de ela a combater com cada gota de vida que lhe corria ainda pelas veias.

Do cimo das escadas, Heather chamou-a em voz trémula.

– Mamã?

Ninguém lhe respondeu.

2

MANHÃ CHUVOSA

A detetive Kay Sharp correu descalça pela cozinha, demasiado sonolenta para sentir o chão frio sob os dedos dos pés. O longo cabelo louro pendia-lhe em madeixas soltas sobre o rosto, resistindo às suas tentativas de o segurar com uma mão. O ar frio espalhou-lhe arrepios pela pele, mas ela ignorou-os e encheu a cafeteira com água. Verteu-a rapidamente, juntando depois um novo filtro e algumas colheradas de café, acabado de moer, antes de premir o botão.

A máquina ganhou vida.

Satisfeita, encostou-se à bancada e inalou o aroma. Dissipou o nevoeiro que lhe envolvia o cérebro e injetou-lhe alguma energia no corpo, ainda que uma ligeira enxaqueca continuasse a ameaçar a sua manhã. Semicerrando os olhos à luz penumbrosa que entrava pela janela, vinda do céu nublado que passara a semana inteira a jorrar chuva, fez-se a pergunta que tinha vindo a evitar desde que o seu alarme tocara, mais alto do que uma sirene.

Estaria ligeiramente de ressaca?

Um sorriso apanhou-a de surpresa ao recordar o jantar da noite anterior. O detetive Elliot Young, seu parceiro desde que se juntara ao Gabinete do Xerife de Mount Chester, sentara-se diante dela à mesa, quase sem dizer uma palavra sobre o excelente bife malpassado e as demasiadas cervejas que o tinham acompanhado.

Lembrava-se de ter pedido outra e outra, mas a verdade era que as tinha bebido a todas porque não queria pôr termo à noite.

Não ainda.

Não quando os seus olhos azuis a fitavam daquela forma, dizendo mais do que ele alguma vez se permitiria ser apanhado a dizer realmente. Não quando ela ainda não se tinha decidido em relação a ele.

Ou seria tudo imaginação sua? Mesmo que não fosse, não seria melhor para si ignorar tudo e evitar o derradeiro erro profissional: envolver-se com outro polícia?

Os olhos de Kay desviaram-se para o distintivo e para a arma que tinha deixado em cima da bancada na noite anterior, demasiado cansada para os trancar na gaveta habitual. O seu irmão, Jacob, sabia as regras e jamais teria tocado nas suas coisas.

Ver a estrela de sete pontas dourada fez o seu peito expandir-se, ansiosamente expectante pelo início do turno. Mas isso tinha menos que ver com o trabalho policial e mais com o seu parceiro, talvez, ainda que adorasse o trabalho e não se conseguisse imaginar noutra função que não a de agente da lei.

Riu-se baixinho.

– Bela psiquiatra que tu és – murmurou para consigo, ainda a sorrir. – Não vês o que tens mesmo à frente dos olhos.

Cerca de um ano antes, tinha regressado a casa, a Mount Chester, deixando para trás uma carreira como *profiler* do FBI no gabinete regional de São Francisco. Deixara tudo isso para trabalhar como detetive na pequena cidade onde crescera e viver com o irmão numa casa carregada de memórias sombrias.

Ainda bem que o homem dormia como uma pedra, pois tinha ido a correr ligar a máquina de café só com a *T-shirt* e as cuecas com que se tinha deitado na noite anterior. Queria beber um gole antes de se lançar para o duche, sabendo que mal teria tempo de lavar o cabelo antes da hora a que Elliot a devia, supostamente, ir buscar.

Elliot.

Outra vez ele, no centro dos seus pensamentos, como na maior parte dos dias. A dar-lhe boleia para e do trabalho, como se ela não tivesse o seu próprio veículo. Queria isso dizer...

Um ruído chamou-lhe a atenção e fê-la paralisar. A porta do quarto do seu irmão abria-se lentamente. Franziu o sobrolho e pôs-se atrás da ilha da cozinha, escondendo as pernas nuas e preparando-se para cumprimentar Jacob. Com sorte, ele limitar-se-ia a cambalear até à casa de banho e ela poderia fugir da cozinha antes que este reparasse no seu estado de nudez.

A porta abriu-se silenciosamente e uma jovem saiu, o cabelo despenteado a cair em desgrenhadas madeixas acobreadas sobre o colarinho da camisa xadrez de Jacob, que mal lhe cobria o rabo. De costas para Kay, apertou suavemente o puxador, fechando a porta sem produzir qualquer som. Virou-se e petrificou mal lhe pôs a vista em cima.

– Oh – sussurrou, as faces a corar de embaraço. Apertou a camisa sobre o corpo esguio e deu alguns passos sem sair do lugar, incerta sobre o que fazer.

– Café? – ofereceu Kay, erguendo o jarro no ar.

A rapariga assentiu um par de vezes, nervosa.

– Sim, por favor – respondeu, então, baixinho, em voz embargada. Com uma mão, apertou bem a camisa contra o peito enquanto a outra puxava a bainha.

Kay mordeu o lábio e escondeu o sorriso enquanto se virava para tirar uma caneca do armário. O seu irmão mais novo tinha uma namorada. Boa. Merecia ser feliz.

Encheu a caneca e estendeu-lha. *Aqui tem, hã...?* A pergunta implícita ficou a pairar no ar, o embaraço da jovem a enchê-lo, tão densamente como o nevoeiro matinal em São Francisco, enquanto recebia a caneca da mão de Kay.

– Lynn – disse a rapariga, finalmente. A mão parada em pleno ar a segurar a caneca. Acabou por decidir pousá-la na ilha, a mão livre imediatamente ocupada a puxar a bainha da camisa de Jacob. – É a irmã dele, certo? A que é polícia? – acrescentou, lançando um olhar de soslaio à arma e ao distintivo .

Instintivamente, Kay deu um passo para se interpor entre a jovem e a sua arma. Não respondeu de imediato, de olhos cravados nas costas da mão de Lynn. Na base do polegar, tinha uma pequena tatuagem, cinco pequenos pontos dispostos da forma como normalmente

apareceriam na face de um dado. A rapariga tinha cumprido pena na vida; aquilo era uma tatuagem da prisão.

– Acho que é hora de ir andando – anunciou Kay, com frieza.
– Eu espero.

Empalidecendo, Lynn apressou-se a regressar ao quarto de Jacob, fechando a porta atrás de si com um forte baque. Poucos minutos depois, saiu completamente vestida e fugiu porta fora, evitando o olhar de Kay e as perguntas do rapaz.

– O que te deu? – gritou o jovem atrás dela, de dentro do quarto. Mas Lynn já tinha saído.

Oh, merda, pensou Kay, prevendo apreensivamente a conversa que estava prestes a começar.

Jacob saiu para a cozinha, coçando as raízes dos tufos a rarear do seu cabelo e semicerrando os olhos à luz ténue, como se tivesse sido ele a beber demasiadas cervejas no Hilltop na noite anterior. Vestia uma camisola sem mangas e umas calças de pijama às riscas, enrugadas e suadas.

– Porque a afugentaste? – perguntou. – O que é que a Lynn te fez?
Kay respirou fundo, decidida a manter-se calma.

– Tem cadastro, Jacob. Onde a encontraste?

Ele coçou a barriga, os dedos a puxar a camisola, erguendo-a até conseguir arrastar as unhas pela pele.

– Como sabes que tem cadastro? Acabaste de a conhecer!

– A tatuagem na mão dela, os cinco pontos? É tinta da prisão. Cada ponto representa uma das quatro paredes de uma cela e o do meio simboliza o recluso.

Meio virado de costas para a irmã, Jacob encolheu os ombros.

– Eu também estive na prisão e não fiz nada para merecer o tempo que lá passei, caso te tenhas esquecido.

Kay ergueu as mãos num gesto pacificador, já com saudades da caneca de café que tinha abandonado na bancada.

– Sim, eu sei disso, mas isto é diferente.

Jacob abanou a cabeça e franziu os lábios.

Passando por ela, abriu o frigorífico, sem dedicar um só momento de atenção à sua indumentária, e puxou uma salsicha de uma embalagem que Kay tinha comprado há dias.

– Queres? – perguntou, e a irmã abanou a cabeça. Mordeu-a e mastigou ruidosamente, de boca aberta. Jacob comia quando estava perturbado, mesmo que isso significasse comer salsichas cruas diretamente da embalagem.

– Vi este tipo de tatuagem na... – começou Kay a dizer, mas o irmão silenciou-a com um gesto de mão.

Espetando o queixo, virou-se para a encarar e engoliu os restos mal mastigados da salsicha.

– Escuta, mana, eu não sou o partido do século, se é que me entendes. Faço trabalhos sazonais quando os consigo arranjar e vivo com a minha irmã, por amor de Deus. Para agravar a situação, tu és polícia e toda a cidade sabe que tiveste de me tirar da pildra.

– Mas eras inocente...

– Quantas pessoas achas que acreditam realmente nisso, hã? Acho que a maioria pensa que puxaste uns cordelinhos para fazer o meu cadastro desaparecer só porque és polícia e podes levar a tua avante. Por isso, desculpa se me estou a borrifar para se a Lynn cumpriu pena. – Furiosamente, limpou a boca com as costas da mão. – Não acho que tenha cumprido, ainda assim. Ter-me-ia dito.

– A sério? – perguntou Kay, arrependendo-se de imediato. Não queria perturbar o irmão. Era o seu emprego, com as pessoas com quem lidava todos os dias, que a fazia ver o mundo de determinada forma: cada pessoa um possível criminoso, um mentiroso, um traidor, um ladrão, talvez até um assassino.

Jacob suspirou, os olhos toldados de tristeza e resignação.

– Sim, a sério. Não sou um perfeito idiota, sabias? Consigo perceber quando alguém me está a dizer a verdade.

Kay baixou os olhos. Jacob era adulto e vivia sozinho até ela ter regressado a Mount Chester, depois de onze anos de ausência. Era mais do que capaz de tomar conta de si mesmo e ela era apenas sua irmã, não mãe. A história conjunta de ambos, os tempos difíceis que tinham partilhado em pequenos, tinham-na tornado superprotetora. Era a única família que lhe restava.

– Desculpa, maninho – disse, tocando-lhe suavemente no braço.
– Vou parar de me meter na tua vida de vez.

– E isso é uma promessa? – perguntou Jacob, sorrindo como o gato que foi às filhoses.

– É uma promessa – apressou-se a responder. – Desejo-vos aos dois o melhor que o romance tem para oferecer – acrescentou, tencionando na mesma fazer uma verificação de antecedentes à rapariga assim que chegasse ao trabalho.

Um carro entrou no caminho de acesso, fazendo crepitar o cascalho sob as rodas. Kay olhou pela janela e reconheceu o *Ford Interceptor* descaracterizado de Elliot.

– Merda – murmurou, correndo para o seu quarto.

– Por falar em más decisões – perguntou Jacob, rindo –, quando é que vais fazer daquele texano um homem feliz, mana?

– Uf, mete-te na tua vida, sim? Somos só parceiros – respondeu Kay, aplicando desodorizante à pressa e enfiando uma camisola de gola alta enquanto vasculhava o roupeiro em busca de umas calças lavadas e engomadas. – Trabalhamos juntos, só isso.

– Sim, pois – disse o irmão, trocista, enquanto a campainha tocava. Abriu a porta, convidando Elliot a entrar.

Quando saiu do quarto, passados alguns instantes, Kay parecia asseada e pronta para dar início a mais um dia: o cabelo apanhado num rabo de cavalo com um gancho, a maquilhagem simples e apenas o mais ténue laivo de perfume a rodeá-la como a bruma matinal do oceano. Não havia o menor indício do drama que tinha acontecido na cozinha ou da ausência do seu planeado duche.

Ao vê-la, Elliot baixou a cabeça e levou dois dedos à orla do seu chapéu de aba larga, escondendo o brilho dos seus olhos azuis, por um momento, enquanto ela tentava conter o sorriso.

Então, o telemóvel tocou. Atendeu e o seu sorriso desapareceu, deixando para trás um profundo franzir de cenho, que persistiu depois de desligar a chamada. Bebendo outro gole de café, pegou na sua arma, prendendo-a ao cinto.

– Encontraram um cadáver em Angel Creek.